



A exposição bibliográfica "Cardoso Pires, Cronista de Imprensa" estará na Hemeroteca Municipal de Lisboa de 15 Outubro a 30 Novembro. E para o dia 16

Outubro, às 18h, também na Hemeroteca, está marcada a conferência "José Cardoso Pires, cronista de imprensa e de Lisboa", por Fernando

Venâncio, precedida da leitura de crónicas de José Cardoso Pires sobre Lisboa, pelo actor João d'Ávila.

## Ciberescritas

### Os miúdos do Zitunlog



Isabel Coutinho

Tudo começou por causa do Situn. E afinal o Situn não existe. O que aconteceu é que uma "coisa" de nome Situn começou a seguir-me no Twitter (que serve para enviar "posts" ou mensagens de 140 caracteres a quem se liga a nós) e eu comecei a segui-lo depois. No meio das mensagens estranhíssimas que Situn lança no Twitter, havia uma referência e um "link" que me fizeram ir parar ao Zitunlog: um "videoblog" feito por miúdos adolescentes que vivem em Espanha e que me deixou fascinada.

Quem teve a ideia de criar o Zitunlog foi o Sergey Odintsov. Para manter o "videoblog" este rapaz de 15 anos conta com a ajuda de Ibai Ramirez (na câmara) e de Gabriel Fernández (no som e nas ideias). Este é, explicam eles, um "videoblog" de "entretenimento" criado com base numa mistura de vários géneros e estilos e com diversas personagens.

Duas vezes por mês colocam novos episódios de vídeo com cerca de 10 minutos. Há uma versão HD que pode ser vista no Vimeo e outra que pode ser descarregada através do iTunes para o iPod.

Sergey Odintsov é o verdadeiro nome de Zitun ou de Sergio Ortega, pseudónimo que usa na net e com que assinava os seus primeiros vídeos. É russo mas vive há cinco anos em Espanha. Faz parte da equipa da "N-Magazine", revista digital sobre o mundo da Nintendo, e é estudante. O Situn que me seguia no Twitter é uma paródia ao seu "nick" Zitun (esta é a interpretação de Sergey). Alguém criou uma conta no Twitter para o parodiar e mais tarde foi utilizada como "bot" de Twitter que pregava partidas na "twtittersfera" espanhola. "Não é uma pessoa real, é simplesmente um conceito criado por um utilizador do Twitter que não conheço", explicou Sergey.

Mas a história fantástica é aquela que vou contar a seguir. Há uns meses, Sergey Odintsov, que já tinha um blogue (o ZitunLog), teve a ideia de fazer um vídeo onde explicava que queria fazer um "videoblog" mas não tinha uma câmara de filmar boa. Colocou no blogue onde pedia

ajuda para comprar a tal câmara. "Quero fazer um 'videoblog'. E não posso. Tenho uma câmara, a mesma com que fiz este vídeo mas tem imensos problemas de gravação de som e uma qualidade de imagem muito má o que me impede de a utilizar para esse fim. Temos um guião; está tudo planeado; já temos até o guarda-roupa. Está tudo pronto, menos a câmara." Pedia a colaboração de todos, estava pronto a receber donativos. E Sergey conseguiu. Comprou a câmara dos seus sonhos, uma JVC Everio GZ-HD7, que lhe permite colocar online uma versão dos vídeos em HD.

O seu videoblog ZitunLog já lançou o segundo episódio. Nem o seu blogue nem o videoblog têm patrocinadores. "Não temos ninguém que nos ajude economicamente a realizá-lo, a não ser a câmara que foi paga 50 por cento por doações e outros 50% por mim", explicou.

Sergey desdobra-se em personagens (Doctor Rendy, Agente Mike, Er Niñako, Mister Rocker). Os filmes são mesmo bem feitos e têm sentido de humor.

Também estão lá vídeos antigos sobre uma viagem à Rússia e o "The Banana Day" ("This story started with a banana"), que começa com uma paródia ao "2001: Odisseia no Espaço" onde Sergey pedia ajuda para comprar a câmara.

O Zitunlog também está alojado na BipTv. Onde Michael Moore acabou de lançar o seu documentário "Slacker Uprising" e que pode ser descarregado na íntegra e gratuitamente, mas só por pessoas que vivam nos EUA e no Canadá.

Estejam atentos ao trabalho de Sergey Odintsov e da sua equipa. Já foi considerado "uma nova promessa do videoblogging em espanhol". E tem só 15 aninhos...

isabel.coutinho@publico.pt

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

das manigâncias da operação financeira em curso. Ao longo do Outono, passando de um calor estival para a chuva e do frio que o faz abrigar-se no carro ou nos cafés, Pietro aguarda a filha e, principalmente, uma resposta às suas angústias: será que soube amar a mulher - com quem "de facto" nunca casou - ou sempre lhe preferiu a cunhada, a bela, provocante e patética Marta, com quem mantinha uma ligação amorosa? E ela, tê-lo-á amado? Terá sabido das suas infidelidades, próprias de um executivo bem sucedido, na força da idade? Porquê o afastamento do pai, os ciúmes que sente do irmão? Seriam os seus afectos sólidos ou estaria emaranhado numa armadilha "dostoevskiana", uma paródia de "Os Irmãos Karamazov" - "Por que odeias este teu filho, Fedor Pavlovic? O que foi que ele te fez de mal? Ele, a mim, nada, eu é que lhe fiz muito..." (pág. 96). E porque razão, no tormentoso espaço do luto, ele não sofre?

A filha acompanha-o, atordoada e perplexa, mas não verdadeiramente chorosa ou dorida. Claudia, a menina - afinal a personagem mais importante do livro - é a sua âncora, o fio que o liga ao mundo e é só junto dela que ele encontra alguma paz e um sentido de pertença. É claro que a sua atitude, a sua escolha de vida, atrai as atenções - "os outros preocupam-se" - e Pietro funciona como um iman para um cortejo de sofrendores que nele despejam as suas mágoas, as suas angústias, o seu fel e a sua libido explosiva.

Pietro ouve mensagens subliminares no "download" que a defunta Lara fez de "In Rainbows" dos Radioheads - "somos apenas o acidente à espera de acontecer" - e recorda o sempre adiado projecto de filmar Schnitzler e o seu "Jogo da Madrugada", o conto de 1926 que ele considera representativo da existência contemporânea, com o acumular rápido e vertiginoso de riquezas e o descontrolo que se segue à abundância, enquanto o sexo e a morte andam de mãos dadas, e o mal estar social, amoroso e afectivo contribuem para a aridez moral e para a incapacidade de encontrar a felicidade.

Há muito de Moravia nesta versão da alienação contemporânea mas Veronesi é mais generoso, possuindo também um fino humor negro - os críticos chamam-lhe o McEwan italiano - e uma enorme capacidade para, sem escorregar para o sentimentalismo, mostrar a complexidade das emoções. O longo monólogo interior serve eficazmente uma narrativa em que o sexo é poderoso e nunca trivial, os afectos são fortes e verosímeis, a profunda relação entre pai e filha tem um efeito redentor e toda a narrativa funciona como uma parábola bem conseguida da nossa civilização ocidental. Por tudo isto, não é de estranhar que "Caos Calmo" tenha sido adaptado ao cinema por Antonello Grimaldi com o realizador/actor Nanni Moretti no papel de Pietro.

## Diário

### Memórias dos dias felizes

Diário? Livro de viagens? Enfim, uma viagem interior não deixa de ser uma viagem. Eduardo Pitta

#### Paris

Julien Green (tradução Carlos Vaz Marques) Tinta da China, €16,20



Como em todos os géneros, a literatura de viagens tem os seus clássicos: de Heródoto a Bruce Chatwin, sem esquecer Nerval, Sterne, Durrell, Maalouf e outros, a genealogia é vasta. Mas tenho dúvidas sobre se "Paris", de Julien Green (1900-1998), faz parte dela. O livro é magnífico, embora o considere mais um diário que um livro de viagens.

Escritor francês de nacionalidade americana, como a si mesmo se definia, Green escreveu "Paris" como quem deixa um testamento. Escrito em diferentes fases da vida, quase sempre do outro lado do Atlântico, até porque "estar sentado ao colo do modelo que nos propomos pintar nunca [lhe] pareceu a posição ideal." De longe, de Copenhaga, por exemplo, podia ver Paris muito bem, apesar da bruma e dos campanários verde-amêndoa da capital dinamarquesa. O mesmo se diga de Nova Iorque: "Agora que escrevo estas linhas e que, virando à direita, vejo as águas cinzentas e geladas do East River, um caudal preguiçoso desenha as suas margens em redor dos arcos da Pont Royal, e eu não estou lá para o ver; também lá não estou para ver os plátanos que bordejam o cais do Louvre e que a esta hora se agitam sob a nortada de Março." Os anos da II Grande Guerra,



Julien Green escreveu "Paris" como quem deixa um testamento

durante os quais, em consequência da mobilização, trabalhou na emissora oficial Voz da América, terão sido o intervalo propício: "Os franceses sofrem privações terríveis, sabemos-lo, mas há uma privação que não sentiram, a privação da própria França." E, em abono da dor da França ocupada, cita Jeremias.

Filho de pais americanos, educado na cultura protestante dos "sulistas" (a família é oriunda da Geórgia), Green, que nasceu e morreu em Paris, recusou sempre naturalizar-se francês. Não obstante, apesar de estrangeiro, acedeu à Academia Francesa em 1971. Em Paris viveu quase toda a vida, em abono da França converteu (em 1916) ao catolicismo, em Paris travou os combates ideológicos do seu tempo. Tendo começado por escrever na língua materna, adoptou o francês assim que (em 1922) se tornou um escritor profissional. Escreveu dezenas de romances, ensaios, um diário, peças de teatro, uma autobiografia em cinco volumes, artigos de vária índole, uma biografia de São Francisco de Assis, e ainda, sob pseudónimo de Théophile Delaport, o célebre "Pamphlet contre les catholiques de France" (1924). "Paris", publicado em 1983, foi o livro derradeiro.

Lendo-o, é difícil não recordar o comentário de Cocteau: "Green si timide a de l'héroïsme dans sa chambre, seul avec son encre et son papier." Com efeito, "Paris" é uma espécie de ajuste de contas com o passado, na pessoa da cidade, se assim se pode dizer. Em Passy, o bairro da infância, podia "facilmente imaginar-lhe" a uma hora de distância da cidade. [...] O único consolo para a catástrofe são as profundezas ainda intactas da avenida Henri-Martin, quando, no início do Verão, a abóbada opaca dos castanheiros providencia um resto de frescura e, naquele túnel verdejante rasgado por raios luminosos, vejo um cavaleiro esquecido do seu tempo, que fuge a galope em direcção a Ontem". Não tratamos da Paris que é, mas da que foi: o remoto pretérito dos dias felizes.

Cada capítulo constituiu um pequeno ensaio, excepto um ("Museus, Ruas, Restos e Estações do Ano"), no qual Green colige apontamentos do quotidiano: vendedores ambulantes, chuva nos telhados, a tristeza da cidade ("de todas as grandes cidades que já vi, Paris é uma das mais tristes, apesar da reputação de alegria..."), iconoclastia operária, igrejas, obras de arte, os primitivos Halles (onde hoje existe o Centro Pompidou), memória difusa do Maio 68, o "aborrecimento quase sobrenatural" das multidões, os jardins das Tulherias, o Sena, a justeza de volumes da Salpêtrière, fenómenos de refração a partir da janela do seu quarto, etc. Tema ausente, o sexo.